

110

FENÔMENO IMPOSTOR, COMPARAÇÃO SOCIAL E CYBERLOAFING EM REDES SOCIAIS DE GRADUANDOS EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Doutor/Ph.D. ALISON MARTINS MEURER [ORCID iD](#)¹, Doutor/Ph.D. FLAVIANO COSTA [ORCID iD](#)²

¹Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brazil. ²Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brazil

Doutor/Ph.D. ALISON MARTINS MEURER

[0000-0002-3704-933X](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná

Doutor/Ph.D. FLAVIANO COSTA

[0000-0002-4694-618X](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná

Resumo/Abstract

O Fenômeno Impostor (FI) é de fato um mecanismo psicológico que tem ganhado destaque na literatura nacional e internacional devido as suas múltiplas consequências e interações. A partir de indícios de um possível relacionamento com variáveis relativas à comparação social e ao uso das redes sociais este estudo buscou analisar a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o cyberloafing praticado em redes sociais durante as aulas mediada pela a Orientação para a Comparação Social (OCS) de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis. Os testes ANOVA e Modelagem de Equações Estruturais foram conduzidos com o apoio de 502 participações. Os resultados apontaram que há diferenças significantes a partir do nível do FI para as dimensões de habilidades e opiniões da OCS, bem como para o cyberloafing. O modelo relacional indicou que apesar de haver relações diretas e significantes entre o FI com a OCS e o cyberloafing não se pode afirmar que a OCS medeia esta relação. Este resultado indica que a OCS propulsiona os efeitos do FI sobre o cyberloafing praticado durante as aulas em redes sociais. Observar estas variáveis no âmbito das políticas de ensino e nas metodologias dos docentes apresenta-se como uma das principais contribuições e reflexões do estudo.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Educação e Pesquisa em Contabilidade (EPC) / Accounting Education and Research

FENÔMENO IMPOSTOR, COMPARAÇÃO SOCIAL E *CYBERLOAFING* EM REDES SOCIAIS DE GRADUANDOS EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Resumo

O Fenômeno Impostor (FI) é de fato um mecanismo psicológico que tem ganhado destaque na literatura nacional e internacional devido as suas múltiplas consequências e interações. A partir de indícios de um possível relacionamento com variáveis relativas à comparação social e ao uso das redes sociais este estudo buscou analisar a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas mediada pela a Orientação para a Comparação Social (OCS) de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis. Os testes ANOVA e Modelagem de Equações Estruturais foram conduzidos com o apoio de 502 participações. Os resultados apontaram que há diferenças significantes a partir do nível do FI para as dimensões de habilidades e opiniões da OCS, bem como para o *cyberloafing*. O modelo relacional indicou que apesar de haver relações diretas e significantes entre o FI com a OCS e o *cyberloafing* não se pode afirmar que a OCS medeia esta relação. Este resultado indica que a OCS propulsiona os efeitos do FI sobre o *cyberloafing* praticado durante as aulas em redes sociais. Observar estas variáveis no âmbito das políticas de ensino e nas metodologias dos docentes apresenta-se como uma das principais contribuições e reflexões do estudo.

Palavras-chave: Fenômeno Impostor; Orientação para a Comparação Social; *Cyberloafing* durante as aulas; Estudantes de Ciências Contábeis.

1 INTRODUÇÃO

Por mais que, em até certa medida, as competências pessoais em conjunto com o sucesso acadêmico e profissional possam ser identificados a partir de variáveis observáveis, é reconhecido que há uma parcela da população que possui inseguranças e dificuldades em assimilar as próprias conquistas e habilidades mesmo com evidências que provam o contrário (Engel et al., 2020). Esse tipo de assimilação desconexa é conceituado como Fenômeno Impostor (FI) (Clance & Imes, 1978; Imes, 1980; Parkman, 2016).

O FI tipifica pessoas que se qualificam como fraude intelectual e que atribuem o seu sucesso à sorte, ao acaso, ao trabalho árduo ou por conhecerem pessoas influentes, evitando atrelar o sucesso ao próprio talento e inteligência (Clance, 1985). Clance (1985) distingue pessoas com sentimentos impostores em quatro níveis: pouco, moderado, frequente ou intenso sentimento de impostorismo. Pessoas com níveis moderado, frequente ou intenso tendem a sofrer interferências do FI na sua capacidade de desfrutar o próprio sucesso e habilidade, ao ponto que frequentemente duvidam das próprias capacidades e sentem-se ansiosas com a possibilidade de serem postas a prova em momento futuro. As consequências se dispersam para a limitação de seus objetivos e ascensão profissional, a baixa autoestima, inseguranças frente ao desempenho acadêmico, relacionamentos interpessoais, entre outras (Clance, 1985).

As preocupações e implicações do FI no ambiente universitário prevalecem na possibilidade destes sentimentos afetarem tanto o indivíduo quanto a organização na qual este vínculo é estabelecido. Em termos individuais, o desempenho e as condições psicológicas, como o bem-estar subjetivo e o estresse, ocupam o protagonismo das discussões (Fassl, Yanagida, & Kollmayer, 2020). Em termos organizacionais, comportamentos cidadãos e contraproducentes que afetam a interação entre as pessoas e a eficácia da organização preenchem um espaço importante da literatura que aborda as consequências do FI (Meurer &

Costa, 2020). Nesta pesquisa este fluxo é estendido para um tipo peculiar de comportamento não desejado no ambiente universitário, o *cyberloafing* praticado durante as aulas.

No contexto universitário, o *cyberloafing* caracteriza o uso da *internet* e aparelhos eletrônicos para fins de distração (Baturay & Toker, 2015; Blanchard & Henle, 2008; Kim & Byrne, 2011; Yaşar & Yurdugül, 2013), mesmo que o formato de ensino seja o remoto. Acessar redes sociais, ouvir músicas, assistir filmes e navegar em *sites* e aplicativos de compra e venda são formas de praticar o *cyberloafing* no dia a dia. Conjectura-se que o *cyberloafing* possa estar relacionado e ser maximizado pelos padrões comportamentais do ciclo do impostor, visto que a Teoria do Uso Compensatório da *Internet* (TUCI) apregoa que o *cyberloafing* pode ser adotado como uma estratégia de enfrentamento e compensação de emoções negativas geradas por situações estressoras (Kardefelt-Winther, 2014). Fassel et al. (2020) afirmam que o trabalho árduo e a dedicação extrema consubstanciadas no ciclo do impostor acarretam níveis mais elevados de estresse, relacionando este comportamento à adoção do *cyberloafing*. O *cyberloafing* também corporiza a autosabotagem e o protelamento de compromissos elencados na segunda estratégia do ciclo impostor (Fassel et al., 2020; Ramm, 2019).

Essa combinação entre FI e *cyberloafing* é capaz de gerar consequências dúbias e complementares. O FI está atrelado à ansiedade, ao baixo bem-estar e ao estresse (Sonnak & Towell, 2001), o *cyberloafing* mina este cenário no longo prazo ao afetar negativamente o desempenho dos discentes (Akbulut, Dursun, Dönmez, & Şahin, 2016; Taneja, Fiore, & Fischer, 2015), aumentar a ansiedade e provocar a redução do bem-estar, em especial se vinculado ao uso de redes sociais (Akbulut et al., 2016; Chang et al., 2019; Müller et al., 2020).

Estudos recentes nacionais e internacionais indicam que a forma mais comum de *cyberloafing* no ambiente universitário consiste no acesso as redes sociais, como o Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e WhatsApp (Meurer & Costa, 2021; Müller et al., 2020; Yaşar & Yurdugül, 2013). Ramm (2019) e Fassel et al. (2020) apontam que as redes sociais caracterizam-se por ser um conjunto ferramental ideal para operacionalizar a comparação social entre pessoas que possuem níveis mais intensos de FI.

A comparação social é verificada empiricamente a partir da Orientação para a Comparação Social (OCS), pautada na necessidade inata de realizar comparações de habilidades e opiniões de terceiros a fim de obter *feedbacks* sobre como aprimorar estas mesmas características (Fassel et al., 2020; Gibbons & Buunk, 1999). A comparação social tende a ser mais intensa em pessoas com baixa autoestima e que sofrem de níveis mais elevados de estresse (Gibbons & Buunk, 1999). Tem-se a preocupação da OCS ser afetada por níveis mais intensos de FI e intensificar o *cyberloafing*, à medida que o FI é designado na literatura como um precedente da baixa autoestima e do estresse (Fassel et al., 2020) e pode ser um incentivador da comparação social (Clance, 1985).

A Royal Society for Public Health (2017) alerta que a comparação social induz o uso das mídias sociais e pode alimentar a ansiedade e elevar a sensação de inadequação social. Em se tratando do nível dos sentimentos impostores, Chayer e Bouffard (2010) indicam para a importância de direcionar atenção para as fases iniciais da formação dos estudantes, visto que o FI se enraíza nas primeiras etapas da vida dos jovens e ao compreender esse fenômeno antecipadamente é possível delinear pautas que possibilitem que as consequências adversas do FI sejam minimizadas ou contornadas em sua totalidade, tais como a OCS e o *cyberloafing*.

O grupo de interesse da pesquisa é graduandos em Ciências Contábeis, visto que estudantes deste curso são identificados na literatura por possuírem um perfil mais introvertido e menos comunicativo, que são características incentivadoras do uso das redes sociais a fim de

buscar suporte social e estabelecer relacionamentos interpessoais mais fluídos que no ambiente *off-line* (Cramer, Song, & Drent, 2016; Meier, Esmatyar, & Sarpong, 2019). Kuselias et al. (2021) também chamam a atenção para o fato de a comparação social em redes sociais estar atrelada a um menor rendimento profissional por parte de profissionais contábeis, alertando para a relevância da temática no âmbito profissional.

Propõe-se que sentimentos impostores tendem a maximizar a OCS, pois a comparação social pode ser adotada como uma forma empírica de subestimação das próprias habilidades e competências e superestimação das habilidades e competências de terceiros. Em adição, o fluxo informacional disposto nas redes sociais é um elemento atrativo para viabilizar as comparações sociais. Logo, apregoa-se que a OCS realiza uma mediação na relação existente entre FI e *cyberloafing* nas redes sociais, visto que há evidências que apontam para esta possibilidade (Lee, 2014; Vogel et al., 2015; Vogel, Rose, Roberts, & Eckles, 2014). Frente a possibilidade deste inter-relacionamento entre as variáveis ora discutidas, direciona-se esta investigação pela seguinte questão-problema: *Qual é a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o cyberloafing praticado em redes sociais durante as aulas mediada pela a Orientação para a Comparação Social de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis?* O objetivo da pesquisa consiste em analisar a relação entre o nível do Fenômeno Impostor e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas mediada pela a Orientação para a Comparação Social de estudantes de graduação do curso de Ciências Contábeis.

Um apanhado recente e limitado de estudos empíricos tem relacionado a OCS ao FI (Chayer & Bouffard, 2010; Fassl et al., 2020; Ramm, 2019). As discussões são sustentadas a partir de um direcionamento no qual a OCS é um precedente que exerce efeitos diretos no FI. Nesse fluxo encontram-se estudos realizados no ambiente universitário por Ramm (2019) e Fassl et al. (2020). Busca-se inverter esta relação proposta e analisar o FI como um antecedente da OCS, à medida que pessoas com FI tendem a realizar comparações sociais dissonantes, superestimando as competências de terceiros e subestimando as próprias competências.

Outrora, contribui-se com a corrente teórica que aproxima o FI e a OCS ao considerar também que o contexto que circunda o FI é mais amplo que a OCS e origina-se desde de a infância do indivíduo (Clance, 1985; Clance & Imes, 1978; Imes, 1980), levando-o a adotar padrões comportamentais como a comparação social. É proposto que a OCS atua como uma das etapas inerentes ao comportamento cíclico dos impostores. Observam-se as redes sociais pois são ferramentas rápidas e acessíveis para a realização da comparação social (Ramm, 2019) e seu uso em excesso é vinculado ao aumento da ansiedade e da baixa autoestima (Royal Society for Public Health, 2017) característicos de pessoas com FI (Bravata et al., 2020; Ramm, 2019).

2 DESENVOLVIMENTO DAS HIPÓTESES E DO MODELO DE PESQUISA

Idealizado a partir de observações empíricas, o Fenômeno Impostor foi apresentado à literatura científica pelas pesquisadoras Dra. Pauline Rose Clance e Dra. Suzanne Ament Imes em 1978. Clance e Imes dedicaram meia década ao estudo e à observação de um grupo de aproximadamente 150 mulheres bem-sucedidas, com alto nível de formação em diversas áreas, reconhecidas academicamente, respeitadas profissionalmente, e que simultaneamente possuíam altas crenças de incapacidade intelectual, não experienciando internamente o senso de sucesso, sendo manifestados sentimentos de impostorismo e de fraude intelectual.

Pesquisas recentes passaram a observar distintos grupos sociais em diferentes ambientes e regiões, contribuindo para a popularização da temática (e. g. Chassangre &

Callahan, 2017; Houseknecht, Roman, Stolfi, & Borges, 2019; Meurer & Costa, 2020; Pulliam & Gonzalez, 2018). Apesar do FI ter sido cunhado na década de 1970 nota-se desde 2010 um crescimento exponencial no número de investigações acadêmicas e textos de literatura popular que tratam da temática (Bravata et al., 2020). Por exemplo, no ano de 2020 somente no Brasil foram publicados 151 diferentes tipos de conteúdos digitais sobre o assunto, os quais figuram desde matérias em revistas e jornais digitais até vídeos em plataformas como o *YouTube*, e ao todo as postagens geraram aproximadamente 6.800 engajamentos. Os números da literatura popular na língua inglesa mostram aproximadamente 6.300 conteúdos gerados e 230.300 engajamentos para o mesmo período (Buzz Sumo, 2021), reforçando a atenção atribuída a este tipo de conteúdo nos diferentes âmbitos sociais. Um percentual representativo da literatura popular e científica é direcionada ao ambiente universitário que tem-se mostrado saliente e propenso em criar uma atmosfera competitiva e estressante que é reverberada em níveis mais intensos do Fenômeno Impostor (Graham & McClain, 2019).

Esse volume crescente de pesquisas têm contribuído para a discussão das características comportamentais ocasionadas por sentimentos impostores, as quais foram introduzidas por Clance e Imes (1978) e Clance (1985) e sintetizadas por Clance e O'Toole (1987). Em meio aos padrões comportamentais e psicológicos dos impostores tem-se a superestimação das habilidades dos outros e a subestimação de suas próprias habilidades (Clance & O'Toole, 1987). Chayer e Bouffard (2010) indicam que esse padrão comportamental é operacionalizado a partir do mapeamento das habilidades e opiniões alheias que permite aos que possuem sentimentos impostores não apenas ter uma base para uma autoavaliação desconexa da realidade, mas também um meio de reproduzir e reforçar as crenças impostoras. Logo, a superestimação das habilidades dos outros e a subestimação de suas próprias habilidades é o principal padrão comportamental do FI que pode ser vinculado a OCS.

O termo comparação social foi introduzido na literatura por Festinger (1954) ao postular que as pessoas possuem um impulso inato em realizar autoavaliações sobre si perante os outros. Posteriormente, ao identificar que os processos de comparação social podem se diferenciar quanto ao direcionamento e a frequência, Gibbons e Buunk (1999) propuseram o conceito de Orientação para a Comparação Social que preconiza que a comparação social pode ser orientada para a comparação de habilidades ou de opiniões próprias perante terceiros. A OCS direcionada às habilidades consiste em uma comparação de desempenho, com uma perspectiva de classificação relativa na qual o indivíduo identifica se possui habilidades superiores, inferiores ou iguais as de terceiros. A OCS voltada às opiniões são pautadas nas comparações de crenças, pensamentos e valores em que a pessoa analisa com uma lente de precisão consensual, ou seja, se concorda ou discorda do que é observado (Liu, Elliot, & Li, 2020).

No contexto educacional, a comparação social viabiliza a obtenção de *feedbacks* que auxiliam os estudantes a estruturar e definir as suas aspirações, objetivos e avaliar o seu desempenho (Chayer & Bouffard, 2010). Há evidências de que a comparação social é adotada de forma mais frequente por aqueles que apresentam níveis mais elevados de estresse e de insegurança acerca de suas habilidades e opiniões (Chayer & Bouffard, 2010; Festinger, 1954). Há medida que o FI implica no aumento do nível de estresse e de inseguranças é pertinente propor que uma maior tendência de sentimentos impostores em níveis mais intensos induz a adoção de comportamentos voltados à OCS (Fassl et al., 2020).

Além disso, desde a formulação do FI por Clance e Imes (1978) a comparação social figurou como um padrão comportamental realizado perante os pares para potencializar os sentimentos de inadequação dos indivíduos. Outra evidência que conduz a este relacionamento

é o fato do perfeccionismo, por vezes adotado por pessoas com sentimentos impostores (Clance, 1985), ser consolidado a partir de comparações sociais ascendentes (Ramm, 2019).

Chayer e Bouffard (2010), Ramm (2019) e Fassl et al. (2020) abordaram o possível relacionamento entre a OCS e o FI. Chayer e Bouffard (2010) examinaram a relação entre a comparação social e os sentimentos impostores de estudantes do ensino médio. Os resultados indicaram que para o gênero masculino houve uma relação positiva entre sentimentos impostores e a comparação social. O estudo conduzido por Ramm (2019) junto a graduandos de Psicologia apontou que a comparação social a partir das mídias sociais exerce efeitos positivos sobre o FI, à medida que as mídias sociais são canais que facilitam a comparação social ascendente, tanto de habilidades como de opiniões. Por sua vez, Fassl et al. (2020) ao abordar estudantes universitários também identificaram que a OCS está relacionada ao FI.

Nesta pesquisa, hipotetiza-se uma relação inversa na qual o FI apresenta-se como um antecedente da OCS. Defende-se que a comparação social é adotada como uma forma empírica de viabilizar a subestimação das próprias competências e a superestimação das habilidades de terceiros a fim de perpetuar os sentimentos impostores. Dado que Buunk et al. (1990) afirmam que os efeitos da comparação social podem estar atrelados às características da personalidade do indivíduo, propõe-se na Hipótese Teórica 1 (HT1) desta pesquisa que: *Níveis mais elevados de Fenômeno Impostor exercem efeitos positivos sobre a Orientação para a Comparação Social de estudantes de Ciências Contábeis.*

Visto que as pessoas estão inseridas em um mundo no qual os aparelhos tecnológicos e o acesso à *internet* são abrangentes, tem-se indícios de que as redes sociais podem ser utilizadas como um meio de representação social e como uma ferramenta para realizar comparações sociais (Chou & Edge, 2012). O *cyberloafing* tem sido abordado como um direcionamento atitudinal capaz de maximizar a frequência de uso das mídias sociais. Uma vez que, em termos conceituais, o *cyberloafing* é tratado de forma contraproducente (Akbulut, Dönmez, & Dursun, 2017), pois caracteriza o acesso à *internet* para fins não relacionados às atividades formalmente propostas, como o trabalho ou as atividades educacionais (Baturay & Toker, 2015).

As redes sociais são compreendidas por um fluxo contínuo de informações que são atualizadas diariamente por diferentes usuários e que figuram como um mecanismo retroalimentável que propicia a operacionalização da comparação social (Müller et al., 2020). Appel et al. (2016) relatam que a comparação social é onipresente nas redes sociais, pois há uma alta disponibilidade de informações, como o número de amigos, lugares frequentados pelos usuários, fotografias, minicurrículo, entre outras. Há evidências transversais de que a frequência de uso das redes sociais é afetada positivamente pela comparação social (Lee, 2014; Vogel et al., 2015; Vogel, Rose, Roberts, & Eckles, 2014).

Lee (2014) identificou que a frequência de comparação social no Facebook é afetada positivamente pela OCS e que a frequência dos sentimentos negativos oriundos da comparação social no Facebook se associa negativamente com a autoestima do indivíduo. Da mesma forma, Vogel et al. (2014) identificaram que a frequência de uso do Facebook está relacionada positivamente com as comparações sociais ascendentes e descendentes, e estas, por sua vez, afetam negativamente a autoestima. Vogel et al. (2015) confirmam haver uma influência positiva da Orientação para a Comparação Social nos padrões de uso do Facebook. Esses achados conduzem a um possível relacionamento entre a OCS e o *cyberloafing*.

Neste estudo aborda-se o impulso inato da OCS como um condutor do uso das redes sociais de forma mais intensa especificamente durante as aulas, como forma de *cyberloafing*. A Teoria do Uso Compensatório da *Internet* fornece elementos para defender este

relacionamento, pois o *cyberloafing* é afetado pelo estado emocional e psicológico do indivíduo (Kardefelt-Winther, 2014), sendo que este estado é moldado pela OCS (Smith, 2000). Com base nesta discussão propõe-se a segunda Hipótese Teórica 2 (HT2): *A Orientação para a Comparação Social exerce efeitos positivos sobre o cyberloafing praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas.*

A manifestação do FI ocorre a partir de um comportamento cíclico (ciclo do impostor) que reforça esses sentimentos a cada nova experiência em que as habilidades individuais são postas a prova. O ciclo do impostor funciona da seguinte forma: inicialmente, pessoas com crenças impostoras ao se deparar com desafios profissionais, acadêmicos ou pessoais tendem a adotar dois tipos de estratégias distintas. A primeira estratégia versa sobre o trabalho duro, a adoção de comportamentos *workaholics* e a dedicação extrema para a conclusão das tarefas.

A segunda diz respeito à procrastinação e ao protelamento da execução de tais tarefas. Ambas estratégias acarretam em modos distintos de assimilação do sucesso quando este é alcançado, pois no primeiro cenário o bom resultado é atribuído ao trabalho duro, enquanto no segundo à sorte ou ao acaso, e ambos maximizam as pressões internas dos indivíduos frente aos desafios futuros, pois o sucesso não é visto como algo inato, mas exógeno às competências do indivíduo (Chassangre & Callahan, 2017).

Ao procrastinar suas atividades e compromissos, pessoas com níveis mais intensos de FI acabam realizando uma espécie de autosabotagem que é adotada a fim de proteger sua imagem de possíveis falhas, pois se o resultado desejado não for alcançado os mesmos podem atribuí-lo a este comportamento procrastinatório ao invés de suas limitações em termos de habilidades funcionais e intelectuais (Clance, 1985; Ramm, 2019). Acredita-se que um dos comportamentos adotados para realizar a procrastinação é o *cyberloafing* em redes sociais, devido ao seu fácil acesso e ampla gama de possibilidades de distrações. Por outro lado, o *cyberloafing* também pode ser adotado por aqueles que se dedicam às atividades de forma árdua como um meio para amenizar às pressões e o estresse vivenciado.

Outro argumento que reforça este possível relacionamento está pautado no fato de que pessoas com níveis mais elevados de sentimentos impostores possuem intensa necessidade de aceitação social (Ferrari & Thompson, 2006), no qual as redes sociais atuam como um campo em que as interações sociais podem ser maximizadas. Como a imagem digitalmente compartilhada nas redes sociais pode ser alterada e interpretada de diferentes formas, visto que é pautada em um gerenciamento de impressões situacional (Nartgün et al., 2017), indivíduos com níveis mais intensos de impostorismo podem utilizar essas plataformas com maior intensidade tanto como forma de procrastinação, quanto como meio de realizar o gerenciamento de impressões. Desta forma, a Hipótese Teórica 3 (HT3) afirma que: *O nível de Fenômeno Impostor exerce efeitos positivos sobre o cyberloafing praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas.*

Indivíduos com níveis mais intensos de sentimentos impostores buscam alcançar uma harmonização entre os *feedbacks* que recebem e a sua autopercepção frequentemente realizam comparações dissonantes da realidade que os levam a crer que não são bons o suficiente. Essas comparações, quando realizadas em redes sociais podem elevar o uso desse conjunto instrumental, pois os impostores podem dedicar mais tempo a edição dos conteúdos postados em seus perfis nas mídias sociais a fim de se enquadrar nas normas sociais percebidas e para manter o gerenciamento de impressões de suas possíveis fragilidades (Ramm, 2019). Devido a este relacionamento, acredita-se que a comparação social possa atuar como uma variável mediadora do relacionamento do Fenômeno Impostor com o *cyberloafing*, visto que a OCS

pode condicionar as atitudes e os conteúdos compartilhados em tais plataformas *online* a partir do impulso inato em realizar contrastes com o modo de agir e pensar de terceiros. Logo, a Hipótese Teórica 4 (HT4) propõe que: *O nível do Fenômeno Impostor de estudantes de Ciências Contábeis está relacionado positivamente com o cyberloafing praticado em redes sociais durante as aulas sendo mediado pela Orientação para a Comparação Social.*

A partir das hipóteses propostas elaborou-se o modelo teórico relacional testado na pesquisa e apresentado na Figura 1.

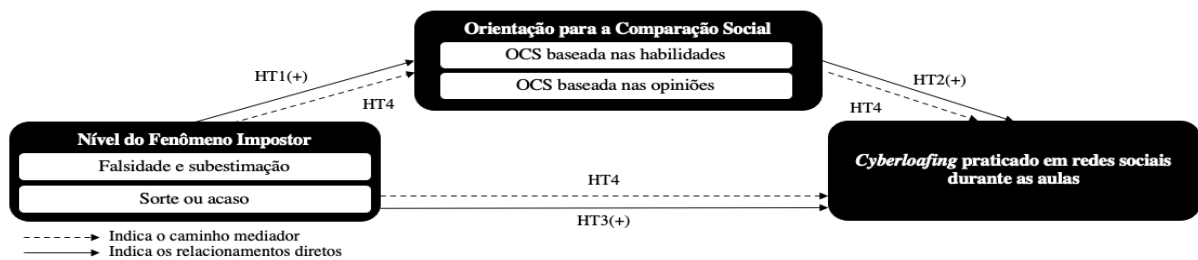


Figura 1. Modelo Teórico Relacional da Pesquisa. Fonte: elaborado pelos autores (2022).

O teste da hipótese de mediação é analisado a partir das condições propostas por Baron e Kenny (1986). A primeira condição exige que as variações nos níveis da variável independente sejam responsáveis pelas variações na presumível variável mediadora (HT1). A segunda condição apregoa que as variações da presumível variável mediadora são responsáveis pelas variações da variável dependente (HT2). Ao testar o caminho mediador, uma relação anteriormente existente entre a variável independente e a variável dependente (HT3) deixa de ser significativa ou é zerada, permanecendo significativa os relacionamentos das duas primeiras condições. Caso isto ocorra, então será possível afirmar a existência de mediação total; caso essa redução não for a zero, então haverá mediação parcial (HT4).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Procedimentos de coleta de dados e Participantes

A população do estudo consiste em estudantes brasileiros dos cursos de Ciências Contábeis em atividade e da modalidade presencial cadastrados junto ao Ministério da Educação em 2021. Os 1.639 cursos possuem 227.302 vagas autorizadas. Este número é uma aproximação da população, à medida que as vagas autorizadas não representam o quantitativo de estudantes que efetivamente estão matriculados na instituição. Os convites foram enviados em dois momentos distintos via *e-mail* às coordenações, secretarias e setor de comunicação dos cursos a fim de encaminhar aos possíveis respondentes. A coleta de dados foi operacionalizada na plataforma *Survey Monkey®* nos meses de outubro e novembro de 2021.

A amostra foi composta por 502 participações válidas para a análise, sendo eliminadas as respostas incompletas ou de pessoas que não estavam vinculadas ao curso de interesse da pesquisa (n excluído = 348). O quantitativo de 325 (64,74%) participantes se identificaram como pertencentes ao gênero feminino e 177 (35,26%) do gênero masculino. A média de idade dos respondentes é de 24,84 anos (Mediana = 22; Desvio-padrão = 7,46) com valor mínimo de 17 anos e máximo de 62 anos. 187 (37,25%) estudantes frequentam o primeiro ano de curso, seguido de 101 (20,12%) do segundo ano, 90 (17,93%) do terceiro ano, 84 (16,73%) vinculados ao quarto ano e 40 (7,97%) ao quinto ano, visto que em algumas instituições a duração total do curso é de cinco anos. Em relação a localização das instituições de ensino dos respondentes,

237 (47,21%) discentes estão vinculados à IES da região Sul, 94 (18,73%) são do Nordeste, 73 (14,54%) do Centro-oeste, 59 (11,75%) do Sudeste e 39 (7,73%) do Norte. Referente ao tipo de IES, 378 (75,30%) estão vinculados a instituições de ensino públicas, seguido por 123 (24,50%) de instituições de ensino privadas e um (0,20%) de instituição comunitária.

3.2 Instrumentos

Os instrumentos de pesquisa que compuseram o questionário foram:

a) *Orientação para a Comparação Social*: mensurada por meio da escala *Iowa-Netherlands Comparison Orientation Measure* (INCOM) desenvolvida por Gibbons e Buunk (1999) que é composta por 11 itens e avaliada em 5 pontos que variam de discordo fortemente até concordo fortemente. A escala foi adaptada e validada culturalmente para o contexto brasileiro seguindo o protocolo de Borsa et al. (2012) a partir das fases a seguir: 1) tradução do instrumento do idioma de origem para o idioma-alvo e síntese das versões traduzidas. Participaram desta etapa cinco tradutores, sendo dois nativos da língua inglesa e com domínio da língua portuguesa; 2) Avaliação da síntese das traduções por nove juízes *experts* da área da Psicologia e vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* de diferentes regiões do país, com experiência na construção, validação e avaliação de instrumentos de pesquisa; 3) avaliação do instrumento pelo público-alvo a partir de entrevistas individuais e em conjunto com seis estudantes de Ciências Contábeis; 4) tradução reversa; 5) envio da escala adaptada para a análise do autor original (professor Rick Gibbons); 6) estudo-piloto com nove estudantes; e 7) avaliação da estrutura fatorial (validação psicométrica).

A mensuração das 11 assertivas que compõem a INCOM formam a comparação de habilidades (itens de 1 a 6) e orientação voltada a comparação de opiniões (itens de 7 a 11), sendo que os itens 5 e 11 são reversos. Exemplo de assertiva: “Se quero aprender mais sobre algo, procuro descobrir o que os outros pensam sobre isso”. Na aplicação da técnica de Modelagem de Equações Estruturais (MEE) identificou-se a necessidade de exclusão do item 11 “Eu nunca comparo a minha situação de vida à situação de outras pessoas” devido a baixa carga externa ($< 0,40$). Uma AFC aplicada individualmente e com a ausência deste item possibilitou a aplicação da MEE e apresentou melhoras nos indicadores fatoriais: 0,505 a 0,832 e índices de ajuste satisfatórios (χ^2 (gl) = 53,24 (34) - p-value = 0,019; χ^2 /gl = 1,57; CFI = 0,995; TLI = 0,993; NFI = 0,986; IFI = 0,995; GFI = 0,994; SRMR = 0,041; RMSEA (90% IC) = 0,034 [0,014 – 0,050]; Covariância dos fatores = 0,45 - p-value $< 0,001$) (Hair Jr, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014).

Cyberloafing em redes sociais: mensurado a partir da dimensão de compartilhamento da escala proposta por Akbulut et al. (2016). Esta dimensão é composta por 9 itens, mensurados por 5 pontos, sendo que 1 indica uma menor frequência de comportamentos e 5 uma maior frequência de comportamentos. Também foi realizada a adaptação e validação cultural do instrumento seguindo o protocolo de Borsa et al. (2012) compreendido pelas mesmas etapas já explicadas e aplicadas à INCOM. A AFC considerando somente as assertivas de *cyberloafing* indicou cargas fatoriais que variaram de 0,552 a 0,890. Os índices de ajuste foram satisfatórios e apontaram χ^2 (gl) = 90,566 (27) - p-value $< 0,001$; χ^2 /gl = 3,35; CFI = 0,981; TLI = 0,974; NFI = 0,973; IFI = 0,981; GFI = 0,989; SRMR = 0,076; RMSEA (90% IC) = 0,069 [0,053 – 0,084] (Hair Jr et al., 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014). Exemplo de assertiva: “Eu olho as postagens/posts dos meus amigos nas redes sociais”.

Fenômeno Impostor: utilizada a escala *Clance Impostor Phenomenon Scale* (CIPS) desenvolvida por Clance (1985) e validada por French et al. (2008) e Meurer e Costa (2020b).

Originalmente a escala é composta por 20 assertivas, as quais foram mensuradas junto aos respondentes. Assim como identificado por French et al. (2008) e Meurer e Costa (2020) foi necessária a exclusão dos itens 1, 2, 19 e 20 por apresentarem baixas cargas fatoriais. A versão final foi composta por 16 itens mensurados por meio de escala numérica de 5 pontos, sendo que “1 – Não é verdade”, “2 – Raramente”, “3 – Às vezes”, “4 – Frequentemente” e “5 – Muito verdadeiro”. O FI subdivide-se em dois fatores denominados de “Falsidade e subestimação” (itens F3, F4, F6, F7, F8, F10, F12, F13, F14, F15, F16, F17 e F18) e “Sorte ou acaso” (F5, F9 e F11). As cargas fatoriais dos itens identificados na AFC variaram de 0,723 a 1,108. Os itens com cargas fatoriais superiores a 1 não possuíam variância residual negativa, não sendo necessária a exclusão dos mesmos (Muthén & Muthén, 2017). Os índices de ajuste do modelo foram satisfatórios e apontaram (χ^2 (gl) = 124,185 (103) - p-value < 0,001; χ^2 /gl = 1,20; CFI = 0,998; TLI = 0,998; NFI = 0,989; IFI = 0,998; GFI = 0,993; SRMR = 0,043; RMSEA (90% IC) = 0,020 [0,000 – 0,033]) (Hair Jr et al., 2009; Kline, 2005; Marôco, 2014). Exemplo de assertiva: “Se possível eu evito avaliações e tenho medo de que outras pessoas me avaliem”.

Referente ao nível de impostorismo dos respondentes, na versão original da escala a pontuação varia de 20 a 100 pontos, com a redução para 16 assertivas este intervalo passa a ser abrangido de 16 a 80 pontos, em que de 16 a 32 pontos são os com poucas características do Fenômeno Impostor, de 33 a 48 pontos tem-se um perfil moderado, de 49 a 64 pontos o FI é vivenciado frequentemente e de 65 a 80 pontos tem-se sentimentos de impostorismo intensos.

Informações demográficas: gênero, idade, região, tipo da instituição de ensino superior frequentada, modalidade de aula cursada, percentual de participação nas aulas e rede social mais utilizada.

Preocupações éticas: O estudo pauta-se na Resolução CNS nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e é relacionado a um projeto de conclusão de doutoramento registrado no Comitê de Ética em Pesquisa CEP/SD da instituição dos pesquisadores sob o número inicial 42700921.X.XXXX.XXXX. Foi disponibilizado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o qual expunha que as respostas seriam tratadas de forma anônima, a casuística da pesquisa e a liberdade de interromper a participação a qualquer momento.

Preocupações metodológicas: para minimizar o *common method bias* derivado da coleta de dados autorrelatados, com variável dependente e independente sendo coletadas no mesmo momento em um recorte transversal, empregou-se as tratativas sugeridas por Chang et al. (2010) em que os blocos do questionário não foram apresentados na ordem dos relacionamentos testados a fim de não tornar evidente as relações do modelo estrutural. O Teste de Harman também foi utilizado estimando-se uma análise fatorial exploratória (AFE) com rotação varimax e método de extração de componentes principais sem considerar o modelo estrutural e de mensuração. Os resultados da AFE não identificaram a possibilidade de agrupamento dos itens em um mesmo fator que superasse 50% da variância média extraída, o que representa uma possível ausência de erro de método comum (Bido, Mantovani, & Cohen, 2018, p. 388). A análise do *variance inflation factor* (VIF) apontou para inexistência de multicolineariedade entre os itens (< 3) (Hair, Hult, Ringle, & Sarstedt, 2014).

A análise de um possível viés de não resposta por aqueles respondentes que preencheram o questionário no final da coleta de dados foi instrumentalizada subdividindo a amostra entre as 251 primeiras (grupo 1) e as 251 últimas (grupo 2) respostas (Tabela 1). Wåhlberg e Poom (2015) afirmam que os respondentes que preencheram por último o estudo tendem a se assemelhar com os não respondentes sustentando a importância do mapeamento de possíveis diferenças no padrão de respostas destes agrupamentos.

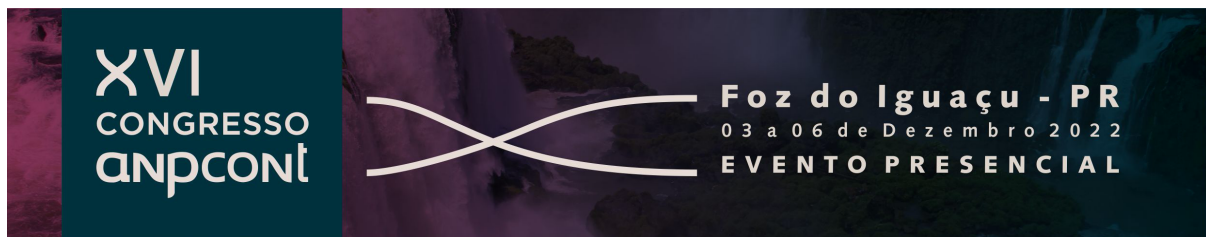


Tabela 1: *Análise do viés de não resposta*

Grupo	N	OCS Habilidades	OCS Opiniões	Cyberloafing	FI Falsidade e subestimação	FI Sorte ou acaso
1	251	3,160 (0,826)	3,517 (0,785)	3,062 (0,777)	2,959 (0,948)	1,947 (1,022)
2	251	3,091 (0,948)	3,473 (0,779)	2,948 (0,723)	3,048 (0,954)	1,971 (1,026)
<i>p-value</i>		0,382	0,523	0,089	0,293	0,796

Nota. À esquerda, a média de cada agrupamento. Entre parênteses, o desvio padrão. Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Tais tratativas apontam que para o estudo em questão tem-se uma minimização de possíveis vieses metodológicos da pesquisa. A comparação das médias dos constructos não apontou para diferenças significantes entre os grupos a partir do período de resposta.

3.3 Técnicas de análise dos dados

Os dados extraídos da plataforma *Survey Monkey®* sendo realizada uma análise descritiva e, posteriormente, empregadas técnicas de análise multivariada. Na AFC utilizou-se o método *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) a fim de adequar a AFC para dados categóricos derivados da mensuração por meio da escala *Likert*. A AFC foi instrumentalizada com o auxílio do *software JASP 0.16®*. Utilizou-se também os *softwares IBM SPSS Statistics®* versão 21 e *JASP 0.16®* para a conferência da correlação entre os constructos e a verificação do viés de não resposta aplicando-se o teste t.

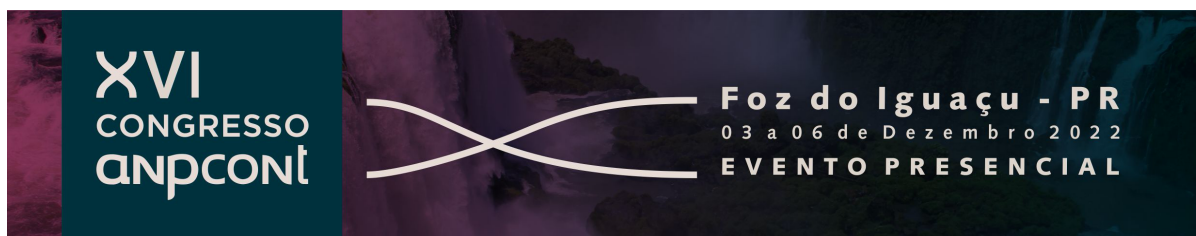
A Modelagem de Equações Estruturais (MEE) abrangeu o uso de Mínimos Quadrados Parciais Baseado na Variância (*Partial Least Squares Path Modeling – PLS-PM*). A MEE viabiliza a modelação dos relacionamentos de variáveis latentes bem como a estimação de modelos complexos para dados não normais (Henseler, Ringle, & Sarstedt, 2015). A estimação da amostra mínima que viabilizasse o uso da técnica foi calculada com o auxílio do *software G*Power 3.1.9.2®* sendo os parâmetros Effect size $f^2 = 0,15$, nível de significância de 5% (α err prob = 0,05), Power ($1-\beta$ err prob) = 0,95, e o Numbers of predictors = 4 indicando um número mínimo de 129 respondentes para viabilizar o uso da MEE.

Foi realizada uma análise de variância de uma via por meio da ANOVA-One Way a fim de verificar possíveis diferenças nas facetas da OCS e no *cyberloafing* nos diferentes níveis do FI (pouco, moderado, frequente e intenso). Para contornar a não normalidade dos dados identificadas nos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk e a ausência de homogeneidade das variâncias vistas no teste de Levene recorreu-se ao método de *bootstrapping* simples com 1.000 re-amostragem visando a aproximação da amostra à distribuição normal, com intervalo de confiança corrigido de 95% e acelerado por viés (BCa). A correção de Welch e a avaliação do *post-hoc* por meio da técnica de Games-Howell foram solicitadas a fim de contornar a heterogeneidade de variância. Para considerar os níveis de Fenômeno Impostor da amostra em uma análise ampla de possíveis diferenças no nível da rede causal, no nível estrutural, no nível de mensuração e no nível das variáveis latentes aplicou-se a *Group Comparison Approaches* baseada no *bootstrap t-test* (Sanchez, 2013).

4 RESULTADOS

4.1 Análise Descritiva

O WhatsApp é a rede social mais utilizada pelos respondentes ($n = 257$; 51,20%), em segundo figura o Instagram ($n = 179$; 35,66%), seguido, respectivamente, pelo Twitter ($n = 22$; 4,38%), Facebook ($n = 15$; 2,99%), Tik Tok ($n = 9$; 1,79%), Telegram ($n = 6$; 1,19%),



LinkedIn ($n = 5$; 1%) e outros ($n = 9$; 1,79%) representando redes sociais como o YouTube, Discord, Twitch e WeVerse. Essas plataformas são multifacetadas e permitem a comunicação instantânea, compartilhamento de informações e *stories* ou *status* de seus usuários. Esse conjunto multiferramental viabiliza a realização do *cyberloafing* a partir das redes sociais pelos estudantes. Em termos de redes sociais acessadas somente o WhatsApp (98,80%), Instagram (87,85%) e Facebook (63,94%) são acessadas por mais de 50% dos participantes da pesquisa.

Cabe destacar que o período pandêmico e o fato de mais de 90% dos participantes estarem cursando as aulas de forma remota pode ter implicado no uso mais intenso das redes sociais durante as aulas. Tal contextualização de tempo e espaço torna-se necessária para a compreensão do ambiente no qual a pesquisa foi delineada.

Em adição, por meio da soma das pontuações da CIPS foi identificado que a maior parcela dos respondentes manifesta sentimentos impostores de forma moderada com 191 respondentes (38,05%). Em seguida tem-se o grupo dos que vivenciam sentimentos impostores de forma frequente com 153 respondentes (30,48%). Aqueles que apresentam poucos sentimentos impostores consubstanciam-se em 113 participantes (22,51%) e, por fim, sentimentos intensos manifestam-se em 45 respondentes (8,96%). No estudo de Matos (2014) 56% dos participantes que cursavam graduação em Ciências Contábeis e Administração apresentaram pontuação moderada de sentimentos impostores, já a soma dos sentimentos intensos e frequentes foi de 21% frente a 39,44% encontrados nesta pesquisa.

4.2 Análise Multivariada e Avaliação das Hipóteses

Realizada a análise descritiva seguiu-se para a avaliação da MEE que é composta pela análise do modelo de mensuração e do modelo estrutural. Os indicadores de análise modelo de mensuração, expostos na Tabela 2, avaliam a consistência interna e a independência das variáveis latentes por meio da validade convergente e da validade discriminante.

Tabela 2: Modelo de mensuração – Indicadores de validade convergente e validade discriminante

Variáveis e indicadores	1	2	3	4	5
Validade convergente					
Confiabilidade composta	0,928	0,899	0,844	0,820	0,900
Average var. extracted (AVE)	0,503	0,748	0,474	0,536	0,502
Validade discriminante – Cargas fatoriais cruzadas					
Cargas cruzadas (Máximas)	0,540	0,498	0,394	0,323	0,301
Cargas cruzadas (Mínimas)	-0,004	0,044	0,094	0,002	-0,018
Construto associado (Máximas)	0,808	0,899	0,717	0,829	0,788
Construto associado (Mínimas)	0,515	0,795	0,655	0,597	0,619
Validade discriminante - Critério de Fornell-Larcker e Heterotrait-Monotrait Ratio (HTMT)					
1. FI – Falsidade e subestimação	0,709	0,601	0,573	0,174	0,130
2. FI – Sorte ou acaso	0,524	0,865	0,334	0,131	0,194
3. OCS – Habilidades	0,508	0,278	0,689	0,446	0,222
4. OCS – Opiniões	0,133	0,074	0,335	0,732	0,288
5. CL – Cyberloafing	0,118	0,175	0,207	0,234	0,708
Standardized root mean square residuals (SRMR)					0,062

Nota. $n = 502$; ¹a parte inferior da matriz apresenta a correlação entre os constructos. Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A validade convergente possibilita verificar se as assertivas possuem capacidade de se aglutinar e mensurar a variável latente (Sanchez, 2013). O primeiro indicador desta validação a ser verificado é a AVE que aponta o quanto da variação dos itens foi considerada na formação

da variável latente, sendo recomendado valores acima de 0,50 e aceitos valores acima de 0,40 (Hair Jr. et al., 2014). Com exceção da dimensão de habilidades (AVE = 0,474), todas as demais variáveis alcançaram valores superiores a 0,50. Por sua vez, a confiabilidade composta avalia a consistência interna dos itens, mensurando o nível com que as assertivas apontam para o constructo latente. A confiabilidade composta não possui as limitações internas do Alpha de Cronbach o qual é sensivelmente afetado pela quantidade de assertivas do instrumento de pesquisa, sendo o motivo da sua avaliação (Sanchez, 2013). A confiabilidade composta atendeu ao parâmetro desejado, sendo superior a 0,70 para todas as variáveis latentes.

A identificação da independência dos constructos é verificada por meio da análise discriminante que possibilita mapear a distinção entre as variáveis analisadas apontando o quanto cada variável se diferencia empiricamente das demais (Hair Jr. et al., 2014). Inicialmente fez-se a verificação das cargas fatoriais cruzadas, em que o valor da carga mínima dos itens do constructo associado deve ser superior a carga máxima compartilhada com as demais variáveis latentes. Analisou-se o critério de Fornell-Larcker no qual a raiz quadrada da AVE do constructo deverá ser superior as correlações com as demais variáveis latentes. Tanto o critério de cargas fatoriais cruzadas quanto o critério de Fornell-Larcker foram atendidos. Por fim, foi verificado o Heterotrait-Monotrait Ratio (HTMT), visto que há uma corrente na literatura que discute a efetividade das cargas fatoriais cruzadas e do critério de Fornell-Larcker em prover evidências seguras para a análise discriminante (Henseler et al., 2015). O HTMT foi adequado, à medida que todos os valores encontrados estavam abaixo de 0,85.

Examinou-se o modelo estrutural inerente ao relacionamento entre as variáveis latentes a partir da construção teórica do estudo. Na Figura 2 são apresentados os efeitos obtidos pelo *bootstrapping* com 5.000 reamostragem e os efeitos originais, bem como o *standard error*, o *t-Statistics* e o *p-value* dos relacionamentos verificados somados a variância explicada pelos relacionamentos (R^2), ao tamanho do efeito (f^2) e a redundância (Mean_Redundancy – Q). Neste modelo inicial, denominado de modelo geral, não foram verificadas as possíveis especificidades dos relacionamentos a partir do nível do Fenômeno Impostor. É apresentado o modelo direto e o modelo mediador a fim de analisar as condições de Baron e Kenny (1986).

As relações estruturais do modelo mediador indicaram que a dimensão de falsidade e subestimação do FI possui capacidade de exercer efeitos positivos sobre as facetas de comparação de habilidades ($\beta = 0,505$; $p\text{-value} = 0,000$) e comparação de opiniões ($\beta = 0,135$; $p\text{-value} = 0,028$). Referente a dimensão de sorte ou acaso não foram identificados efeitos significantes sobre os fatores da OCS. Desta maneira, a hipótese de pesquisa HT1 que preconiza que “Níveis mais elevados de Fenômeno Impostor exercem efeitos positivos sobre a Orientação para a Comparação Social de estudantes de Ciências Contábeis” foi parcialmente suportada.

Os argumentos teóricos discutidos por Clance (1985) e as evidências teóricas e empíricas trazidas por Chayer e Bouffard (2010) ecoam sobre os efeitos ora identificados. Estudantes com níveis mais elevados de FI, especialmente na dimensão de falsidade e subestimação, mostram-se mais propensos a realizar comparação de habilidades e opiniões, sendo o primeiro relacionamento mais intenso. A baixa autoestima e o viés de comparação em termos de subestimação das próprias habilidades coaduna para um cenário incentivador da prática de comparação social. Festinger (1954) discute que a baixa autoestima, o estresse e a insegurança frente as próprias habilidades são marcantes naqueles que realizam comparações sociais de forma frequente. Tais características também são encontradas no perfil dos

indivíduos que apresentam sentimentos impostores, justificando os relacionamentos identificados (Chayer & Bouffard, 2010).

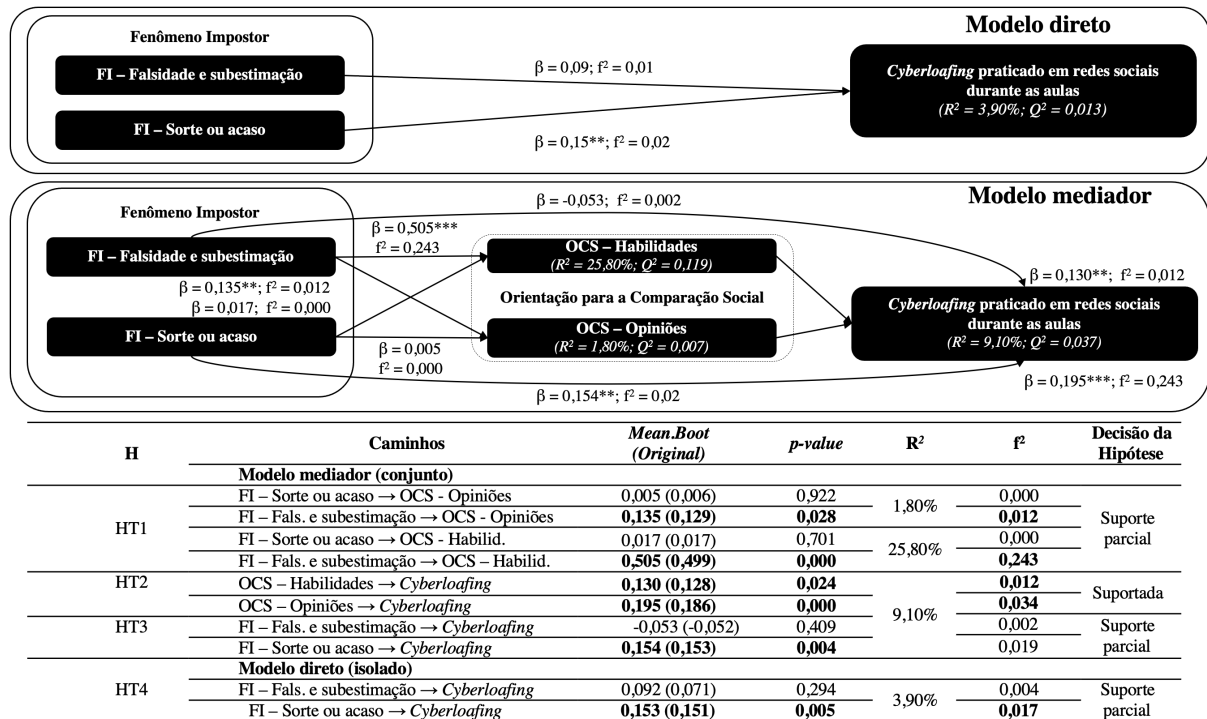


Figura 2. Representação dos modelos estruturais. Nota. H = hipótese; *** indica significância ao nível de 1%; ** indica significância ao nível de 5%. Fonte: elaborado pelos autores (2022).

O fato da sorte ou acaso não exercer efeitos significantes nas facetas da OCS pode ser vislumbrado a partir de uma perspectiva comportamental em que a insegurança surgida a partir de sentimentos de falsidade e subestimação produz consequências na forma com que o indivíduo se autoavalia em relação à terceiros, em especial, definindo como parâmetro de comparação pessoas que julgam ser melhores que elas próprias (Festinger, 1954).

A hipótese de pesquisa (HT2) indicava que “A Orientação para a Comparação Social exerce efeitos positivos sobre o cyberloafing praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas” sendo suportada pelos efeitos positivos exercidos pela OCS em suas dimensões de comparação de habilidades ($\beta = 0,130$; p-value = 0,024) e comparação de opiniões ($\beta = 0,195$; p-value = 0,000) sobre o cyberloafing manifestado pelos estudantes nas redes sociais durante as aulas.

A criação de conteúdo, a interação com amigos e seguidores e a leitura de atualizações em stories e feeds, entre inúmeras outras funções, faz com que as redes sociais ofereçam um fluxo contínuo de informações que podem ser acessadas a qualquer momento e utilizadas como objetos de comparação por aqueles que possuem níveis mais elevados de OCS. Deste modo, foram suportados os relacionamentos propostos pela segunda hipótese da pesquisa.

Esses resultados adicionam evidências conjuntas ao estudo de Lee (2014), Vogel et al. (2014) e Vogel et al. (2015) que indicaram que a OCS afeta o uso das redes sociais de forma positiva. Em termos teóricos, a prática de cyberloafing em redes sociais durante as aulas ser fomentada pela OCS confirma as proposições de Festinger (1954) acerca do impulso inato e da busca por canais variados a fim de almejar informações para a prática de OCS. Respaldar-se

também na Teoria do Uso Compensatório da *Internet*, visto que a OCS é capaz de gerar sentimentos negativos, que direcionam o comportamento escapista na busca por bem-estar a partir do acesso às redes sociais. Avança também em relação aos achados existentes na literatura, em especial no âmbito teórico, ao indicar o ponto de intersecção entre a Teoria do Uso Compensatório da *Internet* de Kardefelt-Winther (2014) e a Teoria do Processo de Comparação Social de Festinger (1954), visto que (1) a OCS conduz a busca por informações interpessoais e (2) as redes sociais são espaços capazes de aliviar, em um primeiro momento, emoções negativas vivenciadas pelos indivíduos, sendo estes pressupostos defendidos, respectivamente, por tais teorias, os quais interagem nesta pesquisa.

A terceira hipótese do estudo (HT3) sustentava que “*O nível de Fenômeno Impostor exerce efeitos positivos sobre o cyberloafing praticado em redes sociais por estudantes de Ciências Contábeis durante as aulas*” foi parcialmente suportada, visto que a dimensão de sorte ou acaso exerceu efeitos positivos e significantes sobre o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas ($\beta = 0,130$; $p\text{-value} = 0,024$). Como detalhado por Clance (1985) e aprofundado por Chassangre e Callahan (2017) pessoas com FI se prendem a um ciclo comportamental de trabalho extremo ou protelação das atividades.

Sob a lente deste ciclo, a prática de *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas pode ser adotada como uma forma de autosabotagem no intuito de perpetuar os sentimentos impostores. No âmbito macro, pessoas com níveis mais elevados de FI possuem uma necessidade ínsita de aceitação social (Ferrari & Thompson, 2006), sendo que as redes sociais aparecem como uma forma de atender a estas necessidades, inclusive durante as aulas.

A avaliação da HT4 “*O nível do Fenômeno Impostor de estudantes de Ciências Contábeis está relacionado positivamente com o cyberloafing praticado em redes sociais durante as aulas sendo mediado pela Orientação para a Comparação Social*” foi direcionada pelas condições estabelecidas por Baron e Kenny (1986). Verificou-se que a primeira condição de relacionamento positivo entre a variável independente e a presumível variável mediadora foi atendida para os caminhos FI – Falsidade e subestimação → OCS – Opiniões ($\beta = 0,135$; $p\text{-value} = 0,028$) e FI – Falsidade e subestimação → OCS – Habilidades ($\beta = 0,505$; $p\text{-value} = 0,000$). A segunda condição diz respeito ao fato da presumível variável mediadora exercer efeitos sobre a variável dependente, neste caso os caminhos OCS – Habilidades → *Cyberloafing* ($\beta = 0,130$; $p\text{-value} = 0,024$) e OCS – Opiniões → *Cyberloafing* ($\beta = 0,195$; $p\text{-value} = 0,000$) atenderam esta condição. A terceira condição apregoa que no modelo com caminho mediador o efeito da variável independente na variável dependente será reduzido ou zerado permanecendo significativo os relacionamentos das duas primeiras condições. Neste caso, apesar de haver um relacionamento significativo no caminho FI – Sorte ou acaso → *Cyberloafing* ($\beta = 0,153$; $p\text{-value} = 0,005$), a mediação não pode ser suportada visto que há um leve aumento do efeito deste relacionamento no modelo mediador ($\beta = 0,154$; $p\text{-value} = 0,004$) e não há significância nos relacionamentos entre FI – Sorte ou acaso com as facetas da OCS.

Nesse sentido, o relacionamento direto entre FI e *cyberloafing* suportam parcialmente a HT4, porém não confirmam o efeito mediador da OCS nesta relação. Nota-se que o caminho indireto entre Fenômeno Impostor → Orientação para a Comparação Social → *Cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas apresenta diferentes relacionamentos significantes e aumenta o percentual da variância da variável dependente explicado pelas variáveis independentes, visto que há uma elevação no R^2 de 3,90% para 9,10%.

Logo, o resultado indica que a OCS não é uma condição capaz de minimizar os efeitos diretos do relacionamento entre FI e o *cyberloafing* praticado em redes sociais durante as aulas, mas é uma condição que maximiza o poder explicativo do relacionamento entre FI e *cyberloafing*, fazendo parte de uma mesma cadeia relacional, não podendo ser ignorada a sua capacidade de se relacionar com tais variáveis. O FI e a OCS atuam em conjunto exercendo efeitos positivos sobre o *cyberloafing* praticado durante as aulas e merecem ser observados de modo conjunto.

Para verificar diferenças entre a OCS e o *cyberloafing* a partir do nível de FI testou-se inicialmente a normalidade dos dados por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk ($p\text{-value} < 0,050$) e a ausência de homogeneidade das variâncias foi confirmada para o *cyberloafing* (Levene = 3,368; $p\text{-value} < 0,050$). A ANOVA One way com Correção de Welch indicou a existência de diferenças na média de OCS habilidades ($F = 38,080$; $p\text{-value} < 0,000$), OCS opiniões ($F = 4,960$; $p\text{-value} < 0,003$) e *cyberloafing* ($F = 3,364$; $p\text{-value} < 0,020$), então fez-se uso do teste *post-hoc* de Games-Howell a fim de identificar entre quais pares as diferenças ocorreram. Na Tabela 3 são apresentadas as comparações estatisticamente significantes ao nível de 5%.

Tabela 3: Teste *post-hoc* de Games-Howell com Bootstrapping (95% IC Bca)

Variáveis	Grupo base	Média do grupo base (I)	Grupo comparado	Média do grupo comparado (J)	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	p-value
OCS Habilid.	Pouco	2,553	Moderado	3,045	-0,491	0,098	0,000
			Frequente	3,450	-0,896	0,102	0,000
			Intenso	3,807	-1,254	0,139	0,000
OCS Opiniões	Moderado	3,045	Frequente	3,450	-0,405	0,086	0,000
			Intenso	3,807	-0,763	0,128	0,000
			Frequente	3,450	-0,357	0,131	0,040
Cyberl.	Pouco	3,262	Moderado	3,514	-0,2522	0,094	0,038
			Frequente	3,584	-0,3224	0,097	0,005
			Intenso	3,693	-0,4314	0,136	0,011
	Intensos	3,301	Moderado	2,920	0,381	0,131	0,026

Nota. Habilid. = Habilidades; Cyberl. = Cyberloafing. Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Nota-se que para a dimensão de habilidades da OCS as diferenças se diferem estatisticamente na comparação da pontuação do grupo com poucos sentimentos impostores ($M = 2,553$) com os grupos que apresentam sentimentos moderados ($M = 3,045$), frequentes ($M = 3,450$) e intensos ($M = 3,807$). O mesmo ocorre na comparação daqueles com sentimentos moderados ($M = 3,045$) com sentimentos frequentes ($M = 3,450$) e intensos ($M = 3,807$). Por sua vez, o grupo com sentimentos frequentes ($M = 3,450$) difere estatisticamente daqueles com sentimentos intensos ($M = 3,807$). Referente as comparações de opiniões, identificaram-se diferenças estatisticamente significantes entre o grupo com poucos sentimentos impostores ($M = 3,262$) frente aos moderados ($M = 3,514$), frequentes ($M = 3,584$) e intensos ($M = 3,693$). Por fim, para o *cyberloafing* as diferenças se manifestaram de forma significativa entre aqueles com sentimentos intensos ($M = 3,301$) e moderados ($M = 2,920$).

O fato de haver diferenças significantes nas pontuações individuais de cada constructo incentivaram a verificação de possíveis diferenças entre os relacionamentos testados a partir dos agrupamentos por nível do Fenômeno Impostor. Na Tabela 4 são apresentados os resultados da *Group Comparison Approaches*.

Tabela 4: Comparação das diferenças entre os relacionamentos intergrupos

Caminhos (<i>p-value</i>)	2 x 1	2 x 3	2 x 4	1 x 3	1 x 4	3 x 4
FI – Falsidade e subestimação → <i>Cyberloafing</i>	0,325	0,050	0,060	-0,274	-0,265	0,009
FI – Falsidade e subestimação → OCS - Habilidades	-0,081	0,092	0,033	0,173	0,114	-0,059
FI – Falsidade e subestimação → OCS - Opiniões	-0,195	-0,062	0,055	0,133	0,250	0,117
FI – Sorte ou acaso → <i>Cyberloafing</i>	-0,131	0,107	0,217	0,237	0,348	0,110
FI – Sorte ou acaso → OCS - Habilidades	-0,113	-0,054	0,222	0,058	0,335	0,277
FI – Sorte ou acaso → OCS - Opiniões	0,033	0,200	0,297	0,167	0,263	0,096
OCS – Habilidades → <i>Cyberloafing</i>	0,156	-0,202	-0,105	-0,358	-0,261	0,097
OCS – Opiniões → <i>Cyberloafing</i>	-0,106	-0,021	-0,084	0,085	0,022	-0,063

Nota. Níveis do FI: 1 = Intenso; 2 = Frequentemente; 3 = Moderado; 4 = Pouco *** indica significância ao nível de 1%; ** indica significância ao nível de 5%. Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Por mais que individualmente algumas pontuações da OCS e do *cyberloafing* apresentem diferenças significantes no nível do FI, nota-se que no caminho relacional ao isolar esses agrupamentos os coeficientes de determinação do R² não são diferentes entre si. Logo, o foco da análise deve consistir em um modelo estrutural que considere os respondentes de forma agrupada, pois as diferenças no modelo estrutural são invariantes para os níveis de FI. De modo geral, embora os relacionamentos apresentem diferenças numéricas, pode-se afirmar que a interação do FI → OCS → *Cyberloafing* são similares entre os grupos, implicando em um modelo geral mais consistente para fins de análise.

5 IMPLICAÇÕES, LIMITAÇÕES E CAMINHOS FUTUROS

Em avanço as discussões teóricas, os resultados direcionam luz às especificidades dos relacionamentos ora testados. Primeiro, a sensação de falsidade e subestimação das próprias capacidades é um incentivador da OCS de habilidades e opiniões. Respalda-se esses achados nos preceitos delineados por Clance (1985) e que podem ser combinados com aqueles apregoados por Festinger (1954), em que pessoas inseguras com suas próprias capacidades tendem a se comparar e, por vezes, superestimar as habilidades de terceiros e subestimar as próprias habilidades, competências e, neste caso, as opiniões também.

Segundo, estudantes de contabilidade com maior nível de OCS tendem a praticar *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas. Apesar de não ser foco da pesquisa o estudo de outros ambientes sociais, esses resultados mostram que o *cyberloafing* pode ser realizado como uma busca por fontes de informações para a realização de comparação social. Além disso, as inseguranças ocasionadas pelo FI propulsionam a orientação para a comparação social, sendo uma contribuição da pesquisa para o campo de estudo.

Terceiro, a dimensão de sorte ou acaso do FI afeta de forma positiva o *cyberloafing* praticado por estudantes em redes sociais durante as aulas. Os estudantes de Ciências Contábeis, participantes da pesquisa, que atribuem seu sucesso a sorte ou ao acaso possuem maior tendência a se envolverem na protelação da tarefa, justificando o fato de praticarem *cyberloafing* em redes sociais durante as aulas como uma forma de operacionalizar seu ciclo de impostorismo.

A gestão do *cyberloafing* durante as aulas é difícil devido ao fácil alcance aos dispositivos tecnológicos e a *internet*. O contexto em que este estudo foi realizado intensifica este cenário, pois a pandemia da COVID-19 implicou no uso da educação remota como uma forma de contornar o isolamento social. Entretanto, não se pode eximir as instituições de ensino e os próprios estudantes de observar as possíveis consequências adversas do *cyberloafing*.

Danos ao processo de aprendizagem, a sobrecarga psicológica sobre os estudantes e o desengajamento acadêmico são derivados deste comportamento, sendo relevante observar as variáveis que antecedem este comportamento. Promover o acompanhamento psicológico, realizar o compartilhamento de experiências e conscientizar os discentes acerca do uso consciente das redes sociais, bem como dos perigos da comparação social excessiva são ações aconselháveis às IES, docentes e pessoas próximas aos estudantes. Incluir esses direcionamentos nos planos políticos pedagógicos apresenta-se como uma oportunidade de registro da importância da temática nos canais estruturais dos cursos de Ciências Contábeis e uma forma de direcionar grupos de apoio para a fim de observar esses elementos frente aos discentes.

Portanto, a promoção de rodas de conversas com profissionais especializados na temática, a disponibilização de acompanhamento psicológico de fácil acesso, como atendimentos *on-line*, o incentivo a novas pesquisas acerca da temática e o uso das redes sociais alinhado às metodologias de ensino são oportunidades para a implementação de ações práticas no contexto universitário.

Fatores psicológicos capazes de afetar a saúde física e mental, além dos relacionamentos interpessoais, são frequentemente discutidos em diferentes esferas sociais. Os achados desta pesquisa acrescentam evidências empíricas e proposições teóricas a fim de enriquecer este debate e refletir em um ambiente de ensino mais harmônico, o qual pode gerar efeitos positivos sobre a formação e a prática dos estudantes de Ciências Contábeis participantes da pesquisa. Preparar estes profissionais para atuar de forma consciente em relação ao uso das redes sociais no ambiente universitário e no ambiente de trabalho designa-se como uma contribuição desta pesquisa.

A amostra consistiu em estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis definida de forma não probabilística, impedindo a generalização para além dos participantes da pesquisa. A natureza transversal também implica em limitações visto que reflete o estado do indivíduo no momento da coleta de dados. A coleta de dados em um período pandêmico dificultou o acesso aos respondentes e apresenta-se como uma limitação não gerenciável. Estudos futuros podem investigar os efeitos do *cyberloafing* no bem-estar dos estudantes, além de realizar um levantamento acerca das políticas de uso de dispositivos tecnológicos durante as aulas, bem como dos canais de acompanhamento psicológicos dos discentes.

A coleta de evidências por meio de rodas de conversas e investigações acerca das estratégias de enfrentamento do *cyberloafing* durante as aulas bem como a análise da relação do *cyberloafing* no ambiente acadêmico com demais constructos comportamentais são oportunidades de avanço para a temática.

6 CONCLUSÃO

O uso de dispositivos tecnológicos é onipresente e se tornou comum durante as aulas, inclusive para fins de distração. A pesquisa mostrou que este comportamento não é isolado e é propulsionado por aspectos psicológicos como o Fenômeno Impostor, em especial em sua dimensão de sorte ou acaso, e pela Orientação para a Comparação Social. Ao indicar que o *cyberloafing* nas redes sociais realizado durante as aulas pode ser uma atitude escapista dos discentes e que a OCS se relaciona com este comportamento tem-se a oportunidade de buscar formas de contornar este comportamento a partir das suas variáveis antecedentes e promover um processo de ensino-aprendizagem mais proveitoso. A pesquisa contribui no âmbito nacional ao incitar o estudo, ainda incipiente do *cyberloafing* no ambiente universitário, e no

âmbito internacional ao posicionar o Fenômeno Impostor como o fator chave que exerce efeitos sobre a OCS e o *cyberloafing* praticado durante as aulas.

A observação conjunta destas variáveis pode auxiliar no processo de compreensão e delineamento de um ambiente de ensino-aprendizagem proveitoso e capaz de gerar experiências positivas aos discentes e docentes que interagem no processo de formação universitária e profissional.

REFERÊNCIAS

- af Wählberg, A. E., & Poom, L. (2015). An Empirical Test of Nonresponse Bias in Internet Surveys. *Basic and Applied Social Psychology*, 37(6), 336–347.
- Akbulut, Y., Dönmez, O., & Dursun, Ö. Ö. (2017). Cyberloafing and social desirability bias among students and employees. *Computers in Human Behavior*, 72, 87–95.
- Akbulut, Y., Dursun, Ö. Ö., Dönmez, O., & Şahin, Y. L. (2016). In search of a measure to investigate cyberloafing in educational settings. *Computers in Human Behavior*, 55, 616–625.
- Appel, H., Gerlach, A. L., & Crusius, J. (2016). The interplay between Facebook use, social comparison, envy, and depression. *Current Opinion in Psychology*, 9(June), 44–49.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173–1182.
- Baturay, M. H., & Toker, S. (2015). An investigation of the impact of demographics on cyberloafing from an educational setting angle. *Computers in Human Behavior*, 50, 358–366.
- Bido, D. S., Mantovani, D. M. N., & Cohen, E. D. (2018). Destruição de escalas de mensuração por meio da análise fatorial exploratória nas pesquisas da área de produção e operações. *Gestão & Produção*, 25(2), 384–397.
- Blanchard, A. L., & Henle, C. A. (2008). Correlates of different forms of cyberloafing: The role of norms and external locus of control. *Computers in Human Behavior*, 24(3), 1067–1084.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-Cultural Adaptation and Validation of Psychological Instruments : Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas : Algumas Considerações Adaptación y Validación de Instrumentos Psicológicos entre Culturas : Algunas Consideraciones. *Paidéia*, 22(53), 423–432.
- Bravata, D. M., Watts, S. A., Keefer, A. L., Madhusudhan, D. K., Taylor, K. T., Clark, D. M., ... Hagg, H. K. (2020). Prevalence, Predictors, and Treatment of Impostor Syndrome: a Systematic Review. *Journal of General Internal Medicine*, 35(4), 1252–1275.
- Buunk, B. P., Collins, R. L., Taylor, S. E., VanYperen, N. W., & Dakof, G. A. (1990). The Affective Consequences of Social Comparison: Either Direction Has Its Ups and Downs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1238–1249.
- Chang, S. J., Van Witteloostuijn, A., & Eden, L. (2010). From the Editors: Common method variance in international business research. *Journal of International Business Studies*, 41(2), 178–184.
- Chang, C. Ter, Tu, C. S., & Hajiyev, J. (2019). Integrating academic type of social media activity with perceived academic performance: A role of task-related and non-task-related compulsive Internet use. *Computers and Education*, 139(November 2018), 157–172.
- Chassangre, K., & Callahan, S. (2017). « J'ai réussi, j'ai de la chance... je serai démasqué » : revue de littérature du syndrome de l'imposteur. *Pratiques Psychologiques*, 23(2), 97–110.
- Chayer, M. H., & Bouffard, T. (2010). Relations between impostor feelings and upward and downward identification and contrast among 10- To 12-year-old students. *European Journal of Psychology of Education*, 25(1), 125–140.
- Chou, H. T. G., & Edge, N. (2012). “They are happier and having better lives than I am”: The impact of using facebook on perceptions of others’ lives. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(2), 117–121. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0324>

- Clance, P. R. (1985). *The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success*. Atlanta, GA: Peachtree.
- Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The impostor phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 15(3), 241–247.
- Clance, P. R., & O’Toole, M. A. (1987). The Imposter Phenomenon. *Women & Therapy*, 6(3), 51–64.
- Cramer, E. M., Song, H., & Drent, A. M. (2016). Social comparison on Facebook: Motivation, affective consequences, self-esteem, and Facebook fatigue. *Computers in Human Behavior*, 64, 739–746.
- Enget, K., Garcia, J. L., & Webinger, M. (2020). Majoring in accounting: Effects of gender, difficulty, career opportunities, and the impostor phenomenon on student choice. *Journal of Accounting Education*, 53,
- Fassl, F., Yanagida, T., & Kollmayer, M. (2020). Impostors Dare to Compare: Associations Between the Impostor Phenomenon, Gender Typing, and Social Comparison Orientation in University Students. *Frontiers in Psychology*, 11(June), 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01225>
- Ferrari, J. R., & Thompson, T. (2006). Impostor fears: Links with self-presentational concerns and self-handicapping behaviours. *Personality and Individual Differences*, 40(2), 341–352.
- Festinger, L. (1954). *Festinger, L. (1954) "A Theory of Social Comparison Processes".pdf*. 7(2), 117–140.
- French, B. F., Ullrich-French, S. C., & Follman, D. (2008). The psychometric properties of the Clance Impostor Scale. *Personality and Individual Differences*, 44(5), 1270–1278.
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social comparison: development and validation of a measure of comparison orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129–142.
- Graham, J., & McClain, S. (2019). A Canonical Correlational Analysis Examining the Relationship Between Peer Mentorship, Belongingness, Impostor Feelings, and Black Collegians’ Academic and Psychosocial Outcomes. In *American Educational Research Journal* (Vol. 56).
- Hair, J. F. J., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM). In *Long Range Planning* (Vol. 46).
- Hair Jr, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Henseler, J., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2015). A new criterion for assessing discriminant validity in variance-based structural equation modeling. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 43(1), 115–135.
- Houseknecht, V. E., Roman, B., Stolfi, A., & Borges, N. J. (2019). A Longitudinal Assessment of Professional Identity, Wellness, Impostor Phenomenon, and Calling to Medicine Among Medical Students. *Medical Science Educator*, 493–497.
- Imes, S. (1980). *The impostor phenomenon as a function of attribution patterns and internalized femininity/masculinity in high achieving women and men*. (Vol. 40, pp. 5868B-5869B). Vol. 40, pp. 5868B-5869B. US: ProQuest Information & Learning.
- Kardefelt-Winther, D. (2014). A conceptual and methodological critique of internet addiction research: Towards a model of compensatory internet use. *Computers in Human Behavior*, 31(1), 351–354.
- Kim, S. J., & Byrne, S. (2011). Conceptualizing personal web usage in work contexts: A preliminary framework. *Computers in Human Behavior*, 27(6), 2271–2283.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Kusielias, S., Lauck, J. R., & Williams, S. (2021). Social Media Content and Social Comparisons: An Experimental Examination of their Effect on Audit Quality. *AUDITING: A Journal of Practice & Theory*, 40(1), 55–72. <https://doi.org/10.2308/AJPT-18-154>
- Lee, S. Y. (2014). How do people compare themselves with others on social network sites?: The case of Facebook. *Computers in Human Behavior*, 32, 253–260.
- Liu, Z., Elliot, A. J., & Li, Y. (2020). Social comparison orientation and trait competitiveness: Their

- interrelation and utility in predicting overall and domain-specific risk-taking. *Personality and Individual Differences*, (October), 110451.
- Marôco, J. (2014). *Análise de Equações Estruturais - Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações* (2ª). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, P. A. V. C. de. (2014). *Síndrome do Impostor e Auto-Eficácia de Minorias Sociais: Alunos de Contabilidade e Administração* (Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Contabilidade - Universidade de São Paulo).
- Meier, J.-H., Esmatyar, W., & Sarpong, C. (2019). Business partner vs. bean counter. Do the personality traits of accounting students meet contemporary business requirements? *Zeszyty Teoretyczne Rachunkowości*, 2019(104 (160)), 51–60.
- Meurer, A. M., & Costa, F. (2020). Behold the best and worst of me: The impostor phenomenon and academic behavior in the business area. *Revista Contabilidade e Finanças*, 31(83), 348–363.
- Meurer, A. M., & Costa, F. (2021). Compartilhar, Curtir, Navegar e Não Estudar! Cyberloafing de Estudantes Brasileiros de Ciências Contábeis em Sala de Aula. *21º USP International Conference in Accounting*, 1–20. São Paulo.
- Müller, S. M., Wegmann, E., Stolze, D., & Brand, M. (2020). Maximizing social outcomes? Social zapping and fear of missing out mediate the effects of maximization and procrastination on problematic social networks use. *Computers in Human Behavior*, 107, 106296.
- Muthén, B., & Muthén, L. (2017). Mplus. In *Handbook of Item Response Theory: Vol. 1st Editio* (p. 12).
- Nartgün, Ş. S., Ekinci, S., Limon, İ., & Tükel, H. (2017). Teachers' Views on Cyberloafing and Impression Management. *Journal of Education and Practiceducation and Practice*, 8(3), 28–36.
- Parkman, A. (2016). The Imposter Phenomenon in Higher Education : Incidence and Impact. *Journal of Higher Education Theory and Practice*, 16(1978), 51–61. <https://doi.org/10.1002/nha3.20098>
- Pulliam, N., & Gonzalez, C. E. (2018). Success or Fraud? Exploring the Impacts of the Impostor Phenomenon Among High Achieving Racial/Ethnic Minority and First-Generation College Students. *Journal of Access, Retention, and Inclusion in Higher Education*, 1, 33–45.
- Ramm, E. R. (2019). Compare with care: The impact of social media on predictors of impostor feelings. California State University.
- Royal Society for Public Health. (2017). Social media and young people's mental health and wellbeing. *Royal Society for Public Health*, (May), 32. Retrieved from <https://www.rsph.org.uk/static/uploaded/d125b27c-0b62-41c5-a2c0155a8887cd01.pdf>
- Sanchez, G. (2013). *PLS path modeling with R*. Retrieved from <http://www.gastonsanchez.com/PLS Path Modeling with R.pdf%0Ai>
- Smith, R. H. (2000). Assimilative and Contrastive Emotional Reactions to Upward and Downward Social Comparisons. In *Handbook of Social Comparison* (pp. 173–200).
- Sonnak, C., & Towell, T. (2001). The impostor phenomenon in British university students: Relationships between self-esteem, mental health, parental rearing style and socioeconomic status. *Personality and Individual Differences*, 31(6), 863–874.
- Taneja, A., Fiore, V., & Fischer, B. (2015). Cyber-slacking in the classroom: Potential for digital distraction in the new age. *Computers and Education*, 82, 141–151.
- Vogel, E. A., Rose, J. P., Okdie, B. M., Eckles, K., & Franz, B. (2015). Who compares and despairs? The effect of social comparison orientation on social media use and its outcomes. *Personality and Individual Differences*, 86, 249–256.
- Vogel, E. A., Rose, J. P., Roberts, L. R., & Eckles, K. (2014). *Social comparison, social media, and self-esteem.: DISCOVER*. 3(4), 206–222.
- Yaşar, S., & Yurdugül, H. (2013). The Investigation of Relation Between Cyberloafing Activities and Cyberloafing Behaviors in Higher Education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 83, 600–604.